

RIBEIRÃO PRETO, SP, 4 DE MAIO DE 2001

Meus caros amigos e amigas aqui presentes; Senhores Governadores; Senhores Ministros; enfim, todos aqueles que já foram aqui mencionados, e muito bem mencionados pelo Sérgio Magalhães, ao iniciar este nosso encontro,

Queria dizer, de maneira muito direta, muito simples, que, primeiro, para mim, tem um significado muito especial receber este prêmio, aqui na Agrishow.

Ontem, eu estava em Uberaba, na abertura da Exposição do Zebu, e lá, também, os pecuaristas manifestaram de maneira muito expressiva a sua concordância com a política do Governo, na área da pecuária. A tal ponto que me pediram, e assim já designei o Ministro Pratini de Moraes, para chamar a sua pasta de Ministério da Agricultura, da Pecuária e do Abastecimento, tal foi o entusiasmo daqueles pecuaristas. E ao me recordar, ontem, de uma vez que havia estado lá em Uberaba, em 95, rememorei o que era a agricultura no início da década de 90, e como fui Ministro da Fazenda, muito antes mesmo de ser, portanto, Presidente da República, tive que lidar com o problema da agricultura. Na primeira campanha que fiz, que foi em 94, andei pelo Brasil todo, como é habitual. A

agricultura brasileira estava se sentindo, absolutamente, desesperançada, irritada mesmo. Eu, como candidato, enfim, tinha que me comprometer, não com essas coisas fáceis que hoje pede aqui o Sérgio Magalhães – o Ministro já me disse ali, baixinho, que ele vai atender, como sempre, ele vai atender.

Mas eu ouvia demandas de outra natureza. Havia uma aflição imensa porque o índice chamado TR – a Taxa Referencial – estava arrasando a agricultura brasileira. E eu, bom, disse: “Não. Vamos resolver isto”. Porém, sem aquela convicção de que fosse possível, porque nós, ainda, estávamos nos albores, no início da reconstrução do Estado brasileiro e das possibilidades de novamente o Brasil ter um rumo que permitisse avançar de forma consistente, no sentido de melhorar as condições do povo e dos produtores. A TR era uma obsessão – junto com isso, a questão dos juros, a TR já era a questão dos juros, mas a questão dos juros, que eram flutuantes por causa da TR. E a dívida do Banco do Brasil e dos outros agentes financeiros?

Recordo-me que, já então como Presidente, numa discussão a respeito de taxas de juros, presentes alguns dos representantes da agricultura – não sei se o, hoje, Deputado Xico Graziano estava no momento lá. Talvez estivesse, era o meu secretário à época. Havia uma discussão sobre qual ia ser a taxa de juros, ainda com TR e tudo. E, com os nossos queridos economistas, que hoje, aqui, estão representados pelo Pratini, nós discutíamos qual seria a taxa de juros. Resolvi ousar e eu disse: “Vai ser 16%, ao ano, agora, não fixo, 16%”. A área econômica tremeu. Não é possível, 16%, mais isso, mais aquilo, mais aquilo outro. Já considerávamos isso uma coisa temerária, chegar a 16% variáveis, que, na prática, ia ser muitíssimo mais do que isso. Hoje, ouvimos as palavras do Sérgio Magalhães, e todos sabemos que temos juros fixos de 8,75% a 10,25% ou 10,5%.

Então, hoje é fácil ao Presidente da República vir aqui e receber com satisfação este reconhecimento – não a mim, mas ao esforço do povo brasileiro. Nós conseguimos pouco a pouco. Estamos conseguindo e vamos conseguir ainda mais recolocar o Brasil no caminho do progresso, do futuro, da confiança, da possibilidade de uma divergência, que seja civilizada, da discussão, como disse aqui o Prefeito Palocci, de temas de

interesse nacional e, quando possível e necessário, da união nacional em defesa dos nossos interesses. Hoje é momento para isso. Hoje, não há dúvidas de que o campo da economia agrícola, especialmente, sabe a sintonia que existe entre o governo e a sociedade.

Estive, recentemente, em Quebec, no Canadá, numa reunião da Alca, onde começamos uma discussão que tem uma importância enorme para o futuro do Brasil. Era do meu dever colocar as coisas muito claras. E o fiz, ao lado de todos os Presidentes do hemisfério, com muita clareza. Disse com muita clareza o que hoje é sentimento generalizado: nós queremos, sim, o livre comércio. Mas livre comércio significa o acesso de nossos produtos, inclusive e principalmente os agrícolas, os pecuários, aos mercados dos países mais ricos. Nós não queremos o livre comércio que signifique apenas a abertura de nosso mercado. Como nós sabemos – e aqui foi dito – a base do progresso é a tecnologia, é o aumento da produtividade, é a possibilidade de nós criarmos mais riquezas não apenas utilizando mais braços, senão mais cérebros. Nós queremos discutir muitas questões relacionadas com patentes, com *antidumping*, com todos esses mecanismos que podem ser de bom uso, mas, também, podem ser de mau uso. Nós não queremos colocá-los à margem. Nós queremos que haja um compromisso de que a utilização desses instrumentos será feita a partir de regras que tenham sido aprovadas por todos nós. Senão, nós não aceitamos.

Isso, hoje, é pacífico. Isso, hoje, no Brasil, é pacífico. Não há diferença entre governo e oposição, sociedade e Estado na defesa do interesse nacional. E é preciso que isso fique bem claro, porque isso é o que abre as perspectivas do nosso futuro e do nosso progresso.

E aqui nós temos a simbolização disso. Se hoje – e já de há muito tempo – Ribeirão Preto é sinal de pujança, é porque Ribeirão Preto, primeiro, trouxe mão-de-obra livre – e gostei muito, apesar do peso, prefeito, da estátua que recebi vinda das mãos de alguém que veio juntar a força da Itália à força do Brasil. Ribeirão Preto é símbolo da força da Itália no Brasil. O brasileiroamento da Itália teve, como consequência, um desenvolvimento muito grande. E fiquei mais satisfeito ainda ao saber que o primeiro homenageado pelo *Agrobusiness* é um

japonês. Isso é o Brasil: italianos, japoneses, lituanos, espanhóis, alemães, africanos. Isso é o Brasil.

E nós temos a certeza de que só é possível esse progresso de Ribeirão Preto porque essa gente veio com a cabeça aberta. Veio para acabar com a escravidão, substituir os escravos, e veio com o espírito aberto para um desenvolvimento tecnológico.

Gostei muito do que vi aqui, e rendo, mais uma vez, homenagem também à Embrapa, com aquela pequena máquina agrícola, porque foi invenção nossa para servir àquilo de que nós necessitamos, com o dinheiro que é do Governo e que vai ser pago, porque eu tenho prazer de dizer que nós estamos conseguindo, graças aos juros fixos, graças à Moderfrota, que é o Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Colheitadeiras, nós podemos agora ter uma taxa de inadimplência de cerca de apenas 1%.

Acabou a idéia de que a agricultor é caloteiro. Caloteiro não era o agricultor, eram aqueles que não davam condições morais ao agricultor para ele poder pagar a dívida que ele tomava. Caloteiros eram os governos que não tinham energia para botar o Brasil em ordem, fazer a estabilidade, dizer não quando necessário e construir um Brasil do progresso.

Hoje, nós estamos começando a sentir um novo Brasil, um Brasil do progresso. O Deputado Xico Graziano, que continua sendo o meu espírito-santo-de-orelha, acabou de falar do algodão. E não é o Governador Dante de Oliveira só, não. São Paulo também tem algodão, Governador. Agora, Mato Grosso tem um belo algodão. Tem um belo algodão. E o algodão que era um dos pontos de asfixia da nossa balança comercial, daqui a pouco, vai ser um dos pontos de rentabilidade, porque vamos exportar algodão de boa qualidade. E isso foi feito em muito pouco tempo, em muito poucos anos.

Está havendo transformação no campo brasileiro, na parte da pecuária, na parte da suinocultura. Veja mos dados da exportação brasileira e não se assustem quando se diz a toda hora: “Ah, o déficit da balança comercial”. É verdade. Mas olhem como é esse déficit. Primeiro, a balança está aumentando, a cada mês nós exportamos mais. E nós estamos exportando para novos mercados.

Nós não estamos apenas exportando para mercados tradicionais. Os dados publicados essa semana mostram muito bem que houve um avanço no Leste Europeu, nos países árabes, na Ásia. Estamos buscando novos mercados na Rússia. Estamos exportando carne, carne de boi, carne suína. Estamos exportando máquinas. Estamos exportando produtos agrícolas. E, quando nós olhamos o que estamos importando, são equipamentos.

Nós estamos importando máquinas para aumentar a capacidade produtiva do Brasil, para que no dia de amanhã, possamos inverter essa balança comercial e ter saldos que são necessários para garantir, evidentemente, menor vulnerabilidade aos fluxos financeiros internacionais.

Mas as coisas estão em marcha. As coisas estão caminhando. O exemplo mais vivo dessa marcha está aqui neste Agrishow. Os dados que tenho aqui já foram superados, pelo que disse o Doutor Sérgio Magalhães.

O Agrishow de 2000 reuniu 122.500 pessoas, com 400 expositores, dos quais 40 estrangeiros. Agora, serão 135 mil, com 450 expositores, dos quais 60 estrangeiros. Vamos nos aproximar de uma arrecadação de cerca de 1 bilhão de reais, ou seja, 25% superior ao ano passado. Então, um exemplo vivo desse novo Brasil é aqui é o Agrishow, é Ribeirão Preto, é Mato Grosso, é Goiás, é Minas, é o Paraná, é o Rio Grande, é todo um Brasil. E não nos esqueçamos do que está acontecendo lá no Nordeste.

Só lamento que os brasileiros, sobretudo os que escrevem, não andem tanto, como eu posso andar, para verem o que está acontecendo no Brasil real. O Brasil real não é o Brasil da falta de vergonha. O Brasil real não é o Brasil da mentira. O Brasil real não é o Brasil da esperteza. O Brasil real não é o Brasil da infâmia. Não é o Brasil que fica todo o tempo tratando de destruir o outro. Não. O Brasil real é o Brasil que acredita nele próprio e que, por isso, cresce. E esse Brasil é imenso, esse Brasil está aqui, à minha frente. Esse Brasil se estende por milhões de brasileiros, homens e mulheres, de todos os setores do País, que estão, realmente, trabalhando, confiando e transformando.

É verdade que nós tivemos um aumento significativo da nossa colheita de grãos. É verdade que, este ano, nós estamos batendo o recorde,

que o ano passado era outro recorde, e por aí vai. Como já foi dito, no começo da década não chegava nem a 60 milhões de toneladas de grãos e, agora, nós vamos nos aproximando dos 90 milhões de toneladas de grãos. Isso é verdade.

Também é certo que a expansão da área plantada quase não houve. Mas, este ano, se o Ministro Pratini me disse certo e se eu não estou, aqui, deformando as palavras dele, nós vamos ter uma expansão de 365 mil hectares de terra. E 365 mil hectares de terra são um “paisinho” da Europa, que nós acrescentamos, de um ano para o outro, em produção agrária. Quando digo “paisinho” é pelo tamanho. Um país pequeno, mas é um país. São 365 mil hectares de terra. E nós temos disponíveis mais 90 milhões de hectares de terra para plantar.

Ontem, o Ministro Pratini e eu – ou hoje, eu não me lembro – nós falamos bastante, o tempo todo, eu não vou repetir o que disse ontem, porque senão vai parecer provocação. Mas ele só fala coisas boas. Ele, ontem, dizia que, efetivamente, esses dados são os dados que nós podemos contar como certos de que está existindo essa expansão na área agrícola. O que mostra, portanto, que esse dinamismo é muito grande.

É claro que isso não exige o Governo de fazer mais, mais e mais. Foi admirável ver o que aconteceu com o programa chamado Brasil Empreendedor, que era um programa feito para o pequeno produtor. Esse programa bateu todos os recordes. O Ministro do Desenvolvimento – a cada 15 dias, tenho uma reunião da Câmara de Desenvolvimento, o Ministro Pratini estava presente e sabe – cada vez que fez um relatório mostrou que havia uma expansão maior do empréstimo, através desse programa, também com taxas de juros dessa mesma natureza. E mostrou, também, que é preciso expandir mais, e mais, e mais. E nós estamos expandindo mais, e mais, e mais. E, ainda assim, se precisa de mais dinheiro, porque se vai com uma rapidez inacreditável.

No ano de 2000, foram 260 milhões de reais a mais do que tinha sido programado. Este ano, nós já pusemos mais 400 milhões. Até dei uma pequena ajuda ao Ministro Pratini, determinando que fosse assim. Porque, naturalmente, é tanto volume da demanda que os responsáveis pela estabilidade da economia – e com toda razão – são cautelosos. Mas

é preciso, em certos momentos, deixar um pouco a cautela de lado, ter a audácia de dizer: “Faça”. Nós fizemos. Se forem necessários mais uns milhõezinhos, Ministro, eu vou dar esses milhõezinhos.

E não é dizer que nós estamos apenas cuidando dessas questões e descuidando de outras tradicionais. Eu vi, há pouco, o programa do controle de queimadas, que é de enorme importância. O que está havendo, nesse programa de controle de queimadas, é alguma coisa, também, que é extraordinária: nós tivemos uma redução de 28% das queimadas.

É fácil falar em controlar queimada. Mas só a Amazônia Legal tem 4 milhões e 600 ou 500 mil quilômetros quadrados. Nós temos controle por satélite. Nós sabemos os pontos que estão quentes. Mas, como é que se chega lá? Como é que se mobiliza isso? Não é fácil. Só tem um caminho, que é o caminho que está sendo trilhado: é o da conscientização. São programas que levem à consciência do produtor a necessidade de velar, para que não haja queimada. E, neste ponto, é inescapável.

O Brasil é um país, como todos nós sabemos, de dimensão continental. Eu, vindo agora, a bordo do avião, com o representante da defesa agrícola dos Estados Unidos, estava dizendo a ele: “Este país tem dimensões americanas. Tem uma sociedade espalhada. E ele tem a força do localismo. E quem não entender isso, quem imaginar que comanda de Brasília, sem estar sintonizado e sem perceber que sem cadeias de transmissão nada funciona, perde o tempo. Aqui, só há um caminho: é dar-mo-nos as mãos uns aos outros – o Prefeito, o Governador, o Presidente, ou aquele que trabalha na unidade de produção familiar, a grande empresa, quem vai vender adubo”.

Ou nós nos entendemos, ou nada funciona. Porque o País é muito grande. Não é um país que possa ser governado na base de: “Eu quebro, eu faço, eu aconteço, eu arrebento”. Muitos já tentaram isso, no passado, e aí, sim, quebraram a cara, tiveram o desprezo do povo brasileiro. E todos que forem por esse caminho, de atropelar a democracia, terão o desprezo do povo brasileiro. Não há outro caminho. Não há outro caminho senão o do diálogo, o da negociação, o do respeito, respeito à lei, respeito ao interesse popular, respeito à autoridade. E no caso de

qualquer processo agrícola, nossa interação é fundamental. Se não houver uma interação entre o Ministério da Agricultura e a Secretaria de Agricultura, e das Secretarias de Agricultura com os Secretários locais e os agentes comunitários, nós não vamos transformar o Brasil. Essa transformação – portanto, uma forte participação de toda sociedade – ela supõe a democracia.

Há muitos anos, eu repito o refrão, quando me perguntavam pelo mundo afora – dois momentos importantes, o Real e depois, e depois a crise em 98 – que nós conseguimos superar a crise, sem que a inflação voltasse, e retomar o crescimento em um ano. Nenhum outro país fez isto. O que mais se aproximou disso foi a Coréia e, mesmo assim, longe de nós. Nenhum país reagiu à crise com tanta presteza e rapidez como o Brasil. E pelo mundo afora me perguntavam: o que que foi feito? Eu digo sempre: “Em primeiro lugar, democracia. Um povo que tem que saber porque que se está fazendo, quais são os passos a ser dados”.

A estabilização da economia do Brasil foi feita explicando-se o que era uma fase difícil: URV, que não queria dizer nada – Unidade Real de Valor. E as pessoas entenderam isso. Quando veio a crise da Rússia, de novo, explicaram o que ia acontecer, e quase que a coisa vai para o espaço, mas não foi para o espaço.

Então, a questão fundamental, num país como o nosso, é de os dirigentes terem a capacidade de convencer, de explicar, de mostrar o que está acontecendo e o que se vai fazer.

Só se faz isso nesse ambiente em que, muitas vezes – o Sérgio sabe disso – não é para me dar prêmio, é para reclamar e para pedir – pedir, sempre. E eu não posso dizer sempre “sim”. Porque, se eu disser sempre “sim”, estarei enganando. Há momentos que “sim”, há momentos que “não”. Esse diálogo é que caracteriza o novo Brasil que nós estamos construindo.

E esse novo Brasil precisa ter voz mais forte, no plano internacional. O que o Ministro Pratini disse aqui, e ele disse com veemência, é porque é necessário. E ele diz isso em todas as partes em que está, com essa mesma veemência. Nós precisamos entender que o Brasil necessita, mais e mais e mais, de uma presença ativa no plano internacional. Não

existe mais, na economia globalizada, a possibilidade de nós nos fecharmos. Ninguém pode se fechar mais.

Mas, ao não poder haver mais uma economia autárquica, isso não quer dizer que o interesse nacional desapareça. Nós temos que ter a inteligência, a competência e a firmeza para colocar esse interesse nacional tal como ele se desenrola no plano internacional. Este é que é o desafio. O desafio não é – eu até entendo quem assim age, porque não sabe das coisas – não é jogar pedra contra a globalização.

Houve época em que se quebravam máquinas, no início da industrialização. A roda da História está aí, para seguir sendo movida. Não adianta. Ou, melhor, adianta. Chama a atenção. Chama a atenção para o fato de que esta globalização não pode ser o mercado solto, ou ele próprio, sem olhar para o povo, para a sociedade, para a igualdade e para a solidariedade.

E a palavra de um governo como o do Brasil, neste momento em que o Governo negocia internacionalmente, não pode ser a palavra de quem, simplesmente, diz “sim”, nem “sim, senhor”. Não pode ser a palavra de quem se recusa a saber do que se trata, mas tem que ser a palavra inteligente e firme de quem tem a competência para defender o interesse do nosso povo, negociando concretamente e não retoricamente, ponto por ponto, aquilo que é do nosso interesse.

Eu vejo, neste Agrishow, a expressão disso. Eu vejo, neste Agrishow, a expressão de um Brasil que sabe ser afirmativo sem ser arrogante; que sabe reclamar tendo a paciência, quando ela é necessária; que sabe ser impaciente, quando há descaso para com a reclamação; que sabe manter vivos os ideais do País. Mas que sabe, também, que esses ideais não podem ser só abstratos. Têm que se traduzir em algo concreto. Sabe, portanto, que quando o governo tem uma retórica bonita mas os juros são descontrolados, não serve. Quando o governo tem uma retórica bonita, mas não é capaz de fazer programas capazes de atender às demandas efetivas da economia, não serve. Quando o governo é um governo mole, que diz “sim” a tudo, também não serve.

Mas, quando existe, entre governo e sociedade, a capacidade que nós, graças a Deus, estamos tendo, crescentemente, no Brasil, de olhar-

mo-nos uns aos outros, de discutirmos com franqueza, de dizer “sim” e dizer “não”, mas com boa-fé e com a crença, sobretudo, no trabalho e na solidariedade, aí, esse país vai para a frente. Graças ao *agrobusiness*, ao agronegócio, graças a Ribeirão Preto, graças a vocês, produtores e produtoras, aos peões, que não estão aqui, aos operários que produzem nas fábricas, aos Prefeitos das cidades pobres e das cidades pequenas e das médias cidades, aos Governadores, que têm essa capacidade. Graças, portanto, ao fato de que, com a democracia, nós não nos esquecemos de que temos, também, que encher a barriga do nosso povo, eu não tenho dúvida de que nosso caminho está aberto para o futuro.

Termino dizendo que recebi esta homenagem humildemente. E quero, se me permitem, sem nenhum desaire, dizer que apenas passa pelas minhas mãos – é só uma estátua que fica comigo – passa pelas minhas mãos a homenagem. Guardarei para sempre, na memória da Presidência da República, a placa que recebi aqui. Mas podem ter certeza: os verdadeiros homenageados são os homens e as mulheres do campo, no Brasil.

Muito obrigado.